

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Correio Brasileiro*

Class.: 199

Data: 15.04.84

Pg.:

Funai fora do conflito

⁴⁴⁶⁸ Crise no Xingu depende de Andreazza e Venturini

Está nas mãos dos ministros do Interior, Mário Andreazza, e Extraordinário para Assuntos Fundiários, Danilo Venturini, a decisão para acabar com o conflito estabelecido no Parque Indígena do Xingu, entre os índios Txucarramãe e a Fundação Nacional do Índio. Depois da prisão, sexta-feira, do superintendente da Funai, Larmartine Ribeiro de Oliveira, do diretor do Departamento de Assistência ao Índio, Carlos Grossi, e do sertanista Sidney Possuelo, tomados como reféns pelas lideranças do Parque, o presidente do órgão, Otávio Ferreira Lima, disse ontem que foge à sua competência resolver o problema, que se arrasta desde o dia 23 de março.

O fato de os Txucarramãe fazerem reféns os dois dirigentes do órgão, juntamente com o sertanista, Sidney Possuelo, considerado profissional, experiente no trato com os índios, surpreendeu a Funai. Na semana passada, um avião do órgão resgatou um índio doente da Aldeia Kretire e, pelo contato realizado, acreditou que poderia reabrir as negociações com as lideranças do Xingu. Dessa forma o presidente acatou sugestão apresentada pelo superintendente e pelo diretor de Assistência, concordando que se deslocassem até o parque para conversar com os índios.

Segundo Ferreira Lima, seus representantes chegaram à área no dia 12 (quinta-feira), quando o sertanista Sidney Possuelo manteve um encontro com o chefe do Posto Indígena Kretire, o índio Megaron, (sobrinho do cacique Raoni), para combinar uma reunião entre as lideranças, o superintendente Larmartine Ribeiro de Oliveira e o diretor Carlos Grossi, no Posto de Vigilância. A reunião compareceram Raoni, com o administrador do Parque, Cláudio Romero, e um grupo de guerreiros, que decidiram aprisionar todos, com exceção do chefe da ajudância de Altamira e do cacique Paiaakan, da tribo Oaocre, que retornaram a São José do Banguê-Banguê.

Ferreira Lima garante que os reféns estão sendo bem tratados pelos índios e admitiu que esta atitude foi mais um recurso que as lideranças utilizaram para que a questão da terra seja resolvida.

A proposta para uma solução do impasse, segundo



Reféns estão sendo bem tratados, diz Ferreira Lima

Ferreira Lima, foi elaborada pelo grupo de trabalho interministerial criado pelo decreto 88.118/83. Esta proposta já foi enviada aos dois ministros de Estado, aos quais caberá dar a última palavra. No entanto, Ferreira Lima, como membro nato e coordenador do grupo, que conta ainda com representantes do Minter e Meaf, não quis revelar qual solução foi encaminhada aos ministros, alegando não estar autorizado a revelar o conteúdo da proposição. Admitiu, no entanto, que ela será favorável às pretensões dos índios do Xingu.

Para o presidente da Funai, os nove funcionários que estavam na área da Aldeia Kretire desde o dia 23, quando foi deflagrado o conflito, não estão lá na condição de reféns. "Na minha opinião existem apenas três reféns. Acho que a

posição do Cláudio Romero não é exatamente esta e dos outros funcionários também".

Na sua opinião, o simples cancelamento de uma reunião marcada com os índios para o dia 24 de março não resultaria num conflito desta proporção, sem que as lideranças fossem estimuladas a assumir esta postura.

"Provavelmente" — disse ele — "os índios foram aconselhados pelo Cláudio. Quando assumiu o cargo ele prometeu a eles a faixa dos 15 quilômetros. Então o que ele está fazendo agora é tentar cumprir uma promessa. Ele ficaria numa situação muito difícil se não fizesse isso na condição de administrador do Parque".

Ferreira Lima considerou positiva a prisão de seus representantes. Por serem pessoas de grande experiência, já que estão

detidos na Aldeia Kretire, terão maiores condições de conversar com as lideranças ali reunidas e manter uma negociação.

Quanto à afirmação do Conselho Indigenista Missionário de que a Funai não cabe dar nenhuma indenização aos fazendeiros, pois a terra é dos índios Txucarramãe, Ferreira Lima disse que a entidade tem o direito de dar a declaração que quiser. Ressalvou, porém, que quando o Cimi "é chamado a apresentar qualquer documento por escrito ou dar qualquer depoimento em que um de seus membros é chamado a assinar, nunca vi nenhum que seja favorável ao índio".

Ferreira Lima alegou que não atendeu à reivindicação das lideranças do Xingu, de se deslocar até ao parque para conversar, porque obteve informações da área de que a sua presença não seria conveniente, uma vez que em Brasília se organizava o II Encontro Nacional de Povos Indígenas Brasileiros, ocorrido no período de 2 a 5 deste mês.

Ele aproveitou para dizer que o encontro não reuniu, conforme fora noticiado, todas as lideranças indígenas do País, pela ausência de caciques do Rio Grande do Sul, do Mato Grosso do Sul, do próprio Parque do Xingu e Amazônia. "O que houve foi um número muito grande de índios, inclusive desaldeados", assinalou Ferreira Lima. Disse, ainda, que teve informações de que o encontro custou 32 mil dólares, em função dos custos de passagem e hospedagens dos quase 450 participantes que vieram a esta Capital. Dessa forma, ele não descartou a possibilidade de ser verdadeira a denúncia do indigenista Alvaro Villas Boas, representante da Funai em Bauru (SP), de que o Cimi e o Pró-Índio teriam recebido dinheiro estrangeiro para desmoralizar a Funai.

"O que percebi" — disse Ferreira Lima — "neste encontro é que houve uma movimentação muito grande de índios de várias partes do País e isto não se faz com pouco dinheiro. Então, sinceramente eu não sei onde foram buscar estes recursos, provavelmente o Alvaro deve ter suas razões para ter feito esta declaração". Ele se comprometeu a exibir os documentos que embasam a denúncia do indigenista, caso este os envie para a Funai.